



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

MONOGRAFIA:

Noticiabilidade de crises humanitárias: a abordagem da guerra civil na República Democrática do Congo pelo jornal O Estado de São Paulo entre 2012 e 2013

Aluna: Maria Tereza de Araújo Matos
Orientador: Fernando Oliveira Paulino

Brasília
2015

Sumário

1. Introdução	3
1.1. Indicadores de qualidade no jornalismo	5
1.2. Histórico da Guerra Civil na República Democrática do Congo.....	7
1.1.1. O Congo antes da guerra	7
1.1.2 O início do conflito e a escalada em 2012	9
1.1.2.1 Congo, a capital mundial do estupro.....	15
2. Jornalismo internacional e imprensa brasileira	18
2.1. O Desenvolvimento do Jornalismo Internacional.....	18
2.1.1 O Boom das Agências de Notícias	20
2.2. História da Imprensa no Brasil	22
2.3. Jornalismo internacional no Brasil	23
3. O jornal O Estado de S. Paulo.....	25
3.1. Tabela 1. Correspondentes de O Estado de São Paulo	27
4. A análise das notícias.....	29
4.2. Gráfico 2 – formato das matérias.....	31
4.4. Gráfico 4 – foco das matérias	33
4.5. Gráfico 5 – histórico	35
4.6. Gráfico 6 – atores locais e externos	36
4.7. Gráfico 7 – atores externos	37
4.8. Gráfico 8 – gênero nas matérias	37
4.9. Gráfico 9 – Recursos de edição	38
5. Considerações finais	39
6. Referências	42
APÊNDICE A: Análise das matérias por categorias.....	45

1. Introdução

Há dezoito anos, a República Democrática do Congo (RDC, antigo Zaire) vive um conflito que já deixou 5,4 milhões de pessoas mortas, de acordo com estatísticas da organização não-governamental americana *International Rescue Committee*¹ (em português, Comitê Internacional de Resgate). Apesar de o número de mortos não ser consensual e de quase não haver dados coletados por instituições governamentais da RDC, o instituto canadense *Human Security Report Project* defende que a guerra teria matado 3,3 milhões e que um número significativo de mortes ocorreria mesmo que o país estivesse em uma situação de paz devido às precárias condições de vida existentes. Mesmo assim, a estatística menos pessimista (como a de 3,3 milhões) ainda torna a guerra na RDC a segunda maior do mundo em número de mortos, após a Segunda Guerra Mundial (1939–1945)². Outra importante característica, além da extensão temporal e letal do conflito, é o aparente “silenciamento” da imprensa a seu respeito.

Entre 1998 e 2009, a organização internacional Médicos Sem Fronteiras (MSF) divulgou em sua página na internet www.msf.org.br um ranking anual das dez crises humanitárias mais negligenciadas pela mídia. Ironicamente, tais crises costumam ser também as mais periclitantes no que concerne à instabilidade política – e à capacidade de que o conflito seja solucionado pelo governo da região – e à saúde da população que é, com frequência, afetada por desnutrição e doenças infectocontagiosas, principalmente a AIDS.

Em 1999, o conflito na República Democrática do Congo apareceu pela primeira vez no ranking produzido pelo MSF³. Desde então, sua ocorrência foi anual, havendo apenas uma alternância na colocação:

¹ Disponível em: <http://www.rescue.org/special-reports/special-report-congo-y>. Acesso em: 05 ago.2014

² The trouble with Congo: how local disputes fuel regional conflict.(Essay).Severine Autesserre. Foreign Affairs. Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/63401/s%C3%83%C2%A9verine-autesserre/the-trouble-with-congo> . Acesso em 05 ago 2014

³ Top Ten" Most Underreported Humanitarian Stories of 1999. Disponível em: <http://www.doctorswithoutborders.org/news-stories/special-report/top-10-most-underreported-humanitarian-stories-1999>. Acesso em: 07 ago. 2014

AS DEZ CRISES HUMANITÁRIAS MAIS NEGLIGENCIADAS PELA MÍDIA	
ANO	POSIÇÃO
1998	RDC não consta no ranking
1999	5º
2000	6º
2001	5º
2002	3º
2003	5º
2004	2º
2005	1º
2006	7º
2007	6º
2008	4º
2009*	1º

* A lista foi produzida pela última vez em 2009

A pergunta a qual este trabalho se destina a responder é: como um conflito de tal extensão temporal e letal é noticiado pela imprensa brasileira? O estudo se desenvolve a partir da análise de como a guerra civil na República Democrática do Congo foi noticiada pelo jornal O Estado de S. Paulo nos anos de 2012 e 2013, período no qual houve uma violenta escalada no conflito. Qual o espaço que as notícias tiveram no jornal? É possível fazer considerações sobre se o veículo reportou o conflito de maneira adequada?

Natali (2011) afirma que os jornais recebem diariamente uma enorme quantidade de informações internacionais – algo em torno de 1000 diferentes textos – provenientes, em sua maioria, de agências de notícias e, portanto, devem ter um rígido critério de seleção para resumir e hierarquizar as milhares de notícias em aproximadamente 20 títulos diários. No entanto, afirma Natali (2011, p. 13):

“(...) há um mínimo denominador comum nos critérios que levam a valorizar um número muitíssimo reduzido de temas. Guerras são, em princípio, importantes, embora algumas tenham visibilidade maior que as outras (a intervenção dos Estados Unidos no Iraque é mais visível que a guerra civil na República Democrática do Congo, ex-Zaire, por exemplo).”

Quais critérios jornalísticos são seguidos para que um conflito de maior extensão letal seja “encoberto” por outro aparentemente menos preocupante – ao menos, do ponto de vista da quantidade de vítimas?

Além de um possível silenciamento relacionado à baixa quantidade de matérias sobre o conflito, também é importante pensar a qualidade da notícia, de que forma ela chega às páginas – físicas ou virtuais – do jornal. Entretanto, avaliar notícias desde uma perspectiva qualitativa é uma tarefa árdua, uma vez que existe um reduzido arcabouço teórico sobre qualidade no jornalismo. Uma série de critérios e indicadores têm sido pensados, mas, de acordo com Guerra (2010), a discussão sobre formas de avaliar a qualidade do jornalismo ainda está apenas começando.

“Embora existam iniciativas voltadas para a qualidade, como a adoção de manuais de redação, inovações tecnológicas, organização empresarial e sistemas de responsabilização de mídia ainda não foi efetivamente incorporada uma cultura de avaliação de qualidade como já existe em outras áreas, tanto do setor industrial como de comércio e serviços. (GUERRA, 2010, p. 5)”.

A criação de um conceito ou de um padrão de qualidade em jornalismo pode parecer, às vezes, uma missão hercúlea porque, para a criação de indicadores, seria necessário um entendimento comum, que ainda não existe de forma consensual, de determinados valores éticos e técnicos. Essa discussão será abordada no tópico seguinte.

1.1. Indicadores de qualidade no jornalismo

A primeira dificuldade que parece existir ao se pensar em qualidade no jornalismo é de ordem conceitual. Encarar a notícia como um produto seria o primeiro passo para que ela se torne passível de escrutínio segundo Christofolletti (2010):

“Deve-se considerar ainda que o mercado jornalístico absorveu com alguma relutância a noção de que a notícia é um produto, que seu processo de produção se dá em larga escala e que, para a sobrevivência das empresas do ramo e do jornalismo em geral, é necessário atingir padrões mínimos de qualidade na oferta dos serviços”. (CHRISTOFOLETTI, 2010, p. 5)

Ainda de acordo com Christofolletti, as empresas jornalísticas têm prezado pela busca da melhoria do fazer jornalístico e que as empresas e o setor como um todo têm se esforçado por aperfeiçoar, normatizar e inovar. A busca por melhorias é vista em diversas frentes, tais como a criação do cargo de ombudsman, a implantação de manuais de redação, criação de prêmios para estimular a qualidade, entre outros.

Todas essas mudanças podem ser iniciativas louváveis, no entanto, muitas das mudanças destacadas como uma demonstração de um desejo por maior qualidade no jornalismo parecem ser somente de caráter técnico, com as empresas adequando-se às novas tecnologias, disponibilizando notícias em diferentes plataformas, etc, como defende Chrisofostelli:

No jornalismo em escala global e no praticado em terras brasileiras, qualidade se tornou sinônimo de busca de excelência técnica, se converteu em peça de marketing e em argumento determinante para a implantação de processos de controle e de gestão dos processos jornalísticos. (CHRISTOFOLETTI, 2010, p.7)

Aplicar os conceitos de qualidade, não somente os técnicos, mas também relacionados ao conteúdo, é um desafio permanente para os jornalistas, em especial para aqueles que cobrem notícias internacionais e que, em sua maioria, não estão no local dos acontecimentos. Isso faz com que a qualidade da narrativa seja, em muitos casos, prejudicada. Ao longo das matérias analisadas, é possível ver uma diferença considerável na qualidade dos textos que são meramente reproduções de agências dos que foram diretamente produzidos pelos repórteres do Estado de S. Paulo.

A preocupação, além de técnica, deve ser com o texto e principalmente com a narrativa uma vez que esta se faz presente em qualquer “produto” jornalístico independente da forma e do veículo em que este se apresenta.

O autor aponta que outra vertente na busca da qualidade do jornalismo que não seja somente técnica pode acontecer também fora dos veículos de comunicação, mas também junto com eles, através de observadores de mídia, códigos de ética profissional e premiações às empresas, de um modo que a sociedade civil consiga influenciar os veículos de comunicação.

1.2. Histórico da Guerra Civil na República Democrática do Congo

Conhecida como Zaire até 1997, a República Democrática do Congo (RDC) é um país de proporções continentais. Localizado na África subsaariana, tornou-se, em 2011, após a separação do Sudão em dois países – República do Sudão e República do Sudão do Sul – o segundo maior país do continente em extensão territorial, depois da Argélia. Ainda em relação a sua dimensão territorial, é também o décimo primeiro maior país do mundo. Sua área abrange o equivalente a dois terços da União Europeia (2,3 milhões de km² – área da superfície de Portugal, Espanha, Itália, França, Suíça, Bélgica, Luxemburgo, Países Baixos, Alemanha, Dinamarca, Áustria e Polônia juntos).

Em termos populacionais, é o quarto maior país da África, atrás apenas de Nigéria, Egito e Etiópia. Seus 70 milhões de habitantes estão amplamente espalhados por todo o território, sendo que menos de 40% dos congolese vivem em áreas urbanas, segundo dados do Banco Mundial⁴.

Ainda de acordo com a instituição, o país é extraordinariamente rico em recursos agrícolas e minerais, sendo detentor dos maiores depósitos de cobre e cobalto, além de diamante, ouro, ferro e urânio. A instituição considera que a RDC teria potencial para ser um dos países mais ricos da África e um motor de crescimento para o continente.

1.1.1. O Congo antes da guerra

Falar no Congo antes da guerra é ainda sim pensar em um país em conflito. Instável seria o adjetivo mais apropriado para definir a região desde os primórdios ou, ao menos, desde a colonização europeia do território no século XIX.

Como mencionado anteriormente, o país é extremamente rico em recursos naturais e isso fez com que fosse alvo de intensa exploração e espoliação ao longo do tempo, além de inúmeros conflitos internos. Após a Conferência de Berlim, em 1885, cujo objetivo

⁴ Disponível em: <<http://www.worldbank.org/en/country/drc/overview>>. Acesso em 14 ago. 2014

era organizar a ocupação da África pelas potências europeias, o Congo “tornou-se propriedade” do Rei Leopoldo II da Bélgica sendo posteriormente “passado” ao governo da Bélgica.

Além da exploração e violência sofridas pelo país ao “tornar-se” uma colônia belga, a jornalista Anjam Sundaram (2012) ressalta que, quando os países africanos foram invadidos pelas potências europeias no século XIX, houve uma redivisão dos territórios que desrespeitou as fronteiras estabelecidas antes da dominação bem como as relações étnicas e familiares existentes. Isso acabou por criar uma animosidade e instabilidade entre países vizinhos que perdura até hoje.⁵

Essa seria, por exemplo, uma das causas pelas quais Ruanda – que faz fronteira com o Congo ao leste – tende a apoiar movimentos insurgentes no país vizinho, como já denunciado por especialistas da ONU. A instabilidade na República Democrática do Congo é benéfica para Ruanda, como explica Sundaram:

“O apoio de Ruanda ao movimento rebelde deriva de uma combinação de simpatias históricas e interesses financeiros (...). A região do leste do Congo é rica em minérios, uma riqueza da qual Ruanda tem se aproveitado ilegalmente há anos desde a invasão do Congo em 1996. Ruanda acumulou centenas de milhões de dólares apoiando os grupos rebeldes que controlam minas lucrativas no Congo e contrabandeiam os minérios para o país (Ruanda) exportar para os mercados mundiais.

Há também o aspecto histórico. Muitos ruandeses, incluindo autoridades, acreditam que o leste do Congo legalmente faz parte de Ruanda, região capturada quando as potências coloniais europeias dividiram o continente e essas terras ricas e férteis passaram a fazer parte do Congo.” (2012)

Em 30 de junho de 1960, o Congo conquista sua independência e seu nome é alterado de Congo Belga para República do Congo. Chegam ao poder, por eleições democráticas, Patrice Lumumba, como Primeiro-Ministro, e Joseph Kasavubu, como Presidente. No entanto, durante um período de tensão devido à Guerra Fria, os Estados Unidos apoiam o golpe pela derrubada de Lumumba pois acreditavam que ele poderia

⁵ Essa outra guerra insana. Anjam Sundaram. Foreign Policy. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,essa-outra-guerra-insana-imp-,964824> Acesso em 11 jun. 2015

se aproximar da União Soviética. Um ano após chegar ao poder Lumumba é assassinado.⁶

Quatro anos depois, em 1965, por um golpe de estado novamente apoiado pelos Estados Unidos, Mobutu Sese Seko chega ao poder, altera novamente o nome do país para Zaire e dá início a ditadura que durará 32 anos, com seu ponto final coincidindo com o início da guerra civil no país em 1997.



Fonte: Departamento de Estado dos Estados Unidos⁷

1.1.2 O início do conflito e a escalada em 2012

A ex-colônia belga que se tornou independente em 1960 já perdeu o equivalente a quase 10% de sua população, aproximadamente 6 milhões de habitantes, devido à guerra civil que assola o país de forma cíclica desde 1998.

⁶ The roots of the crisis – Congo. Enough Project. Disponível em: http://www.enoughproject.org/conflict_areas/eastern_congo/roots-crisis Acesso em 11 jun. 2015

⁷ Disponível em: <http://www.state.gov/p/af/ci/cg/>. Acesso em 12 abr. 2015

O conflito congolês “moderno” tem raízes em choques étnicos e em interesses comerciais e políticos. A instabilidade na região se intensificou em 1994, quando a República Democrática do Congo recebeu grande fluxo de refugiados em sua maioria tutsis, mas também hutus moderados, fugidos do genocídio em Ruanda (em cem dias, mais de 800 mil ruandeses, em sua maioria de etnia tutsi, foram mortos). O ditador congolês, no entanto, permitiu a entrada no país também de integrantes das milícias rebeldes hutus ruandesas que comandavam o genocídio em Ruanda. Isso insuflou a população do leste do Congo – de maioria tutsi – contra Mobutu e fez com que Ruanda, após o genocídio, invadisse o território congolês à caça dos rebeldes.

O conflito no país vizinho desestabilizou a RDC e ajudou a enfraquecer o regime de Mobutu Sese Seko. O ditador, que estava no poder desde 1965, acabou sendo derrubado em 1997 por uma rebelião liderada por Laurent Kabila, com apoio dos regimes de Ruanda e Uganda e de grande parte da população (em especial dos tutsis raivosos por Mobutu ter permitido a entrada de rebeldes hutus) já que Kabila fazia promessas de democracia após mais de 30 anos de ditadura no país.

Após menos de um ano de governo, Kabila não cumpre suas promessas democráticas, impõe medidas autoritárias como a suspensão de partidos políticos e a proibição de manifestações democráticas e se afasta de Ruanda. Isso gera insatisfação por parte da população, novamente em especial por parte dos tutsis que o haviam apoiado. Novamente Ruanda invade o Congo para apoiar os rebeldes tutsis e para tentar controlar as reservas minerais do leste do Congo, uma região de maioria tutsi.

Nações vizinhas e outras que não fazem fronteira com a RDC, como Zimbábue e Namíbia, enviaram tropas ao território congolês em apoio às facções em combate. Os dois países logo passaram a desafiar a autoridade de Kabila, que buscou apoio de outros Estados para manter o poder no país, renomeado por ele de República Democrática do Congo (até então oficialmente a atual RDC era chamada de Zaire).

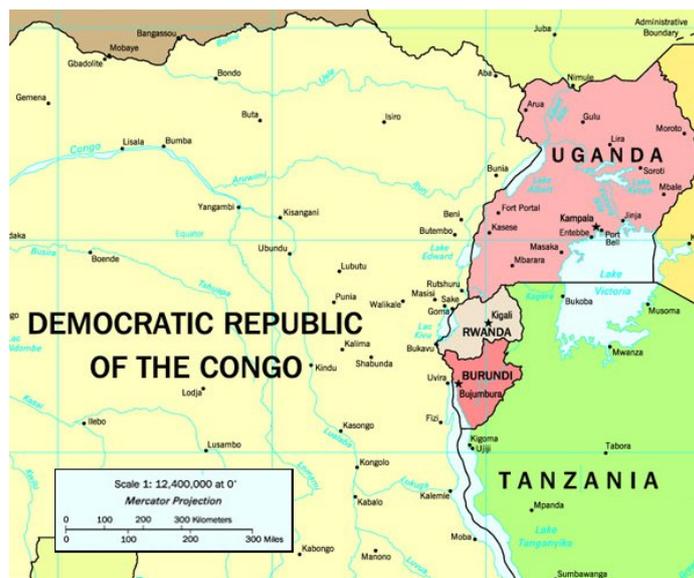
Angola, Chade, Sudão apoiaram o regime de Kinshasa, capital da RDC, e Ruanda, Uganda e Burundi, este último de forma não oficial, respaldaram o rebelde Agrupamento Congolês para a Democracia (ACD). Assim, a “primeira fase” do conflito, nomeada Primeira Guerra do Congo, entre 1997 e 1998, vitimou 200.000

pessoas. A Segunda Guerra do Congo (2000-2003) seria ainda mais letal: 3,5 milhões de pessoas morreram de fome ou em razão da violência.

Apesar de tréguas provisórias, os combates continuaram. Laurent Kabila foi assassinado em janeiro de 2001 por um de seus guarda-costas. Seu filho, Joseph Kabila, assumiu o cargo e ainda segue como presidente do país atualmente. Em outubro de 2002, Joseph assinou um acordo de paz com as facções rebeldes para criar um governo de unidade nacional. Após o armistício, o Agrupamento Congolês para a Democracia (ACD) se transformou em um partido político com presença no Parlamento e suas milícias foram absorvidas pelo Exército.

Os conflitos étnicos regionais, entretanto, persistiram. O atual conflito tem como protagonistas os mesmos atores locais, as antigas milícias da ACD que se integraram às Forças Armadas da RDC, mas que só ficaram ao lado do governo até 2004. Nesse ano, o ACD voltou a pegar em armas contra Kinshasa, capital da RDC, quando o governo quis substituir Laurent Nkunda – e outros comandantes da etnia tutsi congoleza, conhecidos também como banyamulenge – por militares de outras regiões da RDC.

Laurent Nkunda era, à época, General das Forças Armadas da RDC, mas era também apoiador do governo comandado pelos tutsis de Ruanda. Por isso, o interesse do presidente da RDC, Joseph Kabila em retirar Nkunda do exército. Como a RDC era comandada por um governo de origem hutu, Ruanda tem sido acusada – desde 2000 quando Paul Kagame, de origem tutsi, chega à presidência de Ruanda - de “insuflar” os movimentos rebeldes no Congo. Haveria, portanto, uma rivalidade étnica entre os dois países. Além dos interesses ainda maiores financeiros e de origem histórica, como já mencionada. No mapa abaixo, é possível ver as fronteiras entre Congo, Uganda e Ruanda.

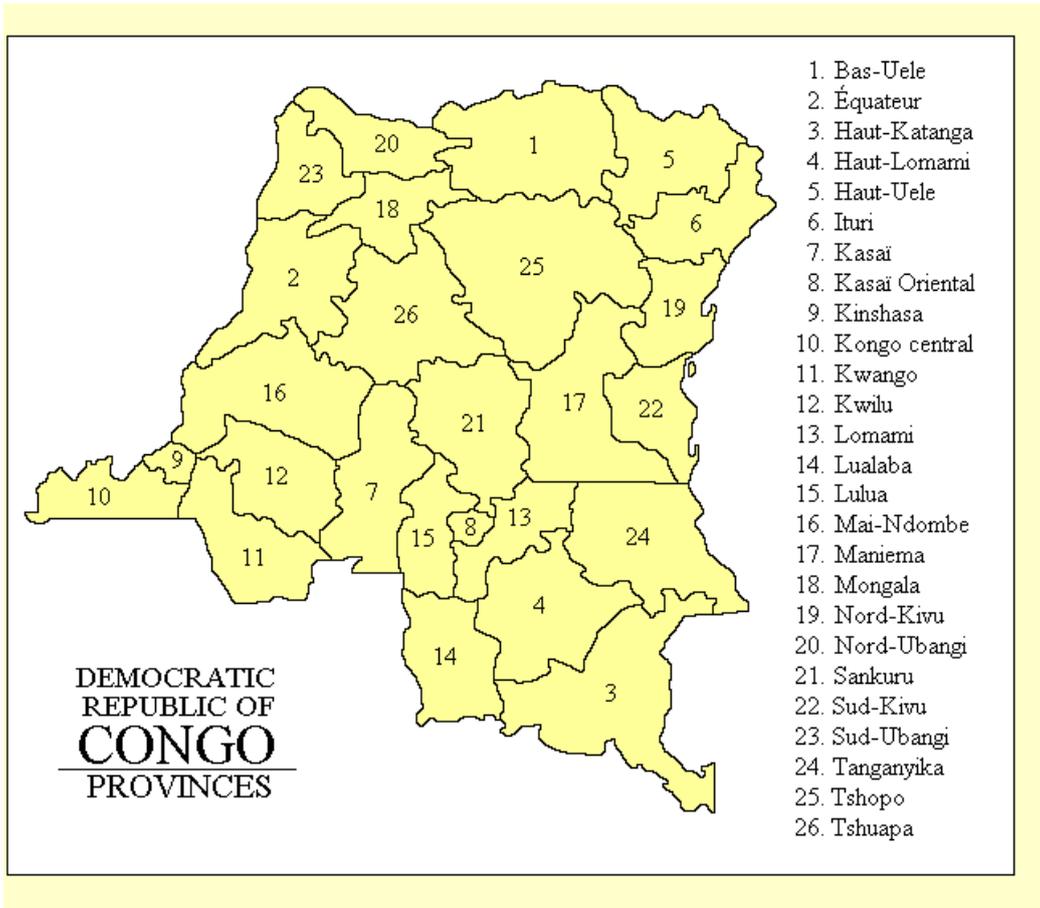


Fonte: The History Place – Genocídio no século XX⁸

Cabe ressaltar que Ruanda e a República Democrática do Congo são diferentes do ponto de vista étnico. Ruanda tem sua população de 10 milhões de habitantes praticamente dividida entre hutus (84%) e tutsis (15%) e um presidente tutsi, Paul Kagame. Já a República Democrática do Congo é um país muito maior tanto em população como extensão territorial e conta com inúmeros grupos étnicos. No Congo, Tutsis e Hutus são uma parte da população que se concentra na região leste do país (fronteira com Ruanda), sendo que a maioria tutsi está na província do Kivu do Norte (número 19 no mapa) cuja capital é Goma, epicentro do conflito moderno. Já os Hutus concentram-se na província do Kivu do Sul (número 22 do mapa).⁹

⁸ Disponível em: <http://www.historyplace.com/worldhistory/genocide/rwanda.htm>. Acesso em 11 jun.2015

⁹ Assessment of Hutus in the Democratic Republic of Congo. Disponível em: <http://www.cidcm.umd.edu/mar/assessment.asp?groupId=49009> Acesso em 11 jun.2015



Fonte: Washa Gold – Gold Mining Group¹⁰

¹⁰ Washa Gold. Disponível em: <http://wathagold.net/?page=history> Acesso em 11 jun 2015

A partir de 2004, o conflito teve nova escalada, entrando em uma segunda fase ainda mais violenta que a primeira (1998-2001) e concentrando-se na região leste do país (também chamada de Congo Oriental), especialmente na província de Kivu do Norte. A guerra se desenvolveu entre as Forças Armadas da República Democrática do Congo (FARDC) e grupos de apoio à etnia hutu contra grupos rebeldes de etnia tutsi, como o CNDP (Congresso Nacional para a Defesa do Povo) sob o comando de Laurent Nkunda (ex-general do exército da RDC e apoiador dos rebeldes tutsis) e que contavam também com apoio do governo de Ruanda (liderado por um tutsi).

Em 2009, Laurent Nkunda foi capturado e em 23 de março do mesmo ano o CNDP, liderado por Nkunda, assinou um tratado de paz com o governo da RDC comprometendo a converter-se em um partido político e seus soldados seriam integrados às Forças Armadas da República Democrática do Congo (FARDC). Contudo, após três anos de aparente paz, soldados do extinto CNDP se rebelaram contra o governo congolês, criticando as péssimas condições do Exército e a pouca disposição governamental em implementar as promessas do acordo de paz de 2009.

Em abril de 2012, esses rebeldes fundaram o grupo militar Movimento 23 de março ou M23 (em referência à data de assinatura do acordo). Formado por tutsis, essa milícia teve novamente o apoio de Ruanda, país que permanece a lhe oferecer suporte. Em 2012, portanto, começa uma nova fase sangrenta do conflito no leste do país. A diferença desta fase que não se tornou uma “Terceira Guerra do Congo” deve-se ao fato de os conflitos estarem menos espalhados e mais concentrados na região leste do país. Em novembro daquele ano, os rebeldes tomaram a cidade de Goma, capital da província de Kivu do Norte.

Essa terceira fase do conflito, iniciada em 2012, foi tema de reportagem especial de O Estado de São Paulo. Na edição de 20 de outubro de 2013, há matéria feita pela jornalista Adriana Carranca que foi enviada ao país. Carranca descreve brevemente as origens do conflito, mas o cerne de sua matéria, intitulada “A maior guerra do mundo”, são as consequências para a população comum que não se envolve diretamente no conflito.

Após quase vinte anos de conflitos (se entendermos que a instabilidade começou na região ainda em 1994 com o genocídio em Ruanda), a RDC vive uma enorme crise humanitária. Não somente pelo número de mortos, mais de 6 milhões (como se um país do tamanho da Dinamarca houvesse sido extinto), mas pela situação em que vivem os sobreviventes. As Nações Unidas estimam que há cerca de 2,3 milhões de deslocados e refugiados no país e um total de 323.000 congoleses vivendo em campos de refugiados fora da RDC.

Se compararmos com conflitos como, por exemplo, a Guerra Civil na Síria (iniciada em 2011), amplamente noticiada, que já transformou 3 milhões de sírios em refugiados, segundo dados do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados)¹¹, a situação na RDC poderia ser considerada uma das maiores crises humanitárias do mundo contemporâneo.

1.1.2.1 Congo, a capital mundial do estupro

Uma das piores violências praticadas no país é o estupro. Utilizado como arma de guerra, as Nações Unidas informaram, em 2009, que 15.000 mulheres haviam sido estupradas¹². Já a revista científica *American Journal of Public Health*¹³ estima que 400.000 mulheres sejam estupradas anualmente no país, o que significaria que a cada hora 48 mulheres são agredidas. No entanto, ainda que as estatísticas sejam nebulosas, o que é possível afirmar é que o país vive uma situação de violência sexual endêmica, o que levou, em 2010, a então Representante das Nações Unidas contra Violência Sexual em Conflitos, Margot Wallström, a descrever o Congo como a “capital mundial do estupro”¹⁴. Anteriormente, a situação já havia sido considerada “inimaginável” por outro funcionário da ONU. Em 2007, o coordenador de operações de emergência das Nações Unidas, John Holmes, descreveu o estupro como “quase um fenômeno cultural”

¹¹ Refugiados sírios chegam a 3 milhões em meio à crescente insegurança. ACNUR. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/refugiados-sirios-chegam-a-3-milhoes-em-meio-a-crescente-inseguranca/>. Acesso em: 12 jun. 2015

¹² War's overlooked victims. Disponível em: <http://www.economist.com/node/17900482>. Acesso em: 12 abr. 2015

¹³ Estimates and Determinants of Sexual Violence Against Women in the Democratic Republic of Congo. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3093289/>>. Acesso em: 28 set. 2014

¹⁴ Tackling sexual violence must include prevention, ending impunity – UN official. Disponível em: <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=34502#.VSrQVJNRrHQ>. Acesso em: 12 abr. 2015

do Congo, dada a banalidade com que ocorria. Em sua visita, Holmes disse que a violência sexual no Congo era a pior do mundo e reportou que somente na região leste do país, em um período de 9 meses, 4500 mulheres haviam sido violentadas.¹⁵

Cabe ressaltar que, mesmo durante os períodos “entre guerras”, quando não há “conflitos oficiais”, a violência contra mulheres e crianças, especialmente, continua. Segundo um estudo de 2010 publicado pelo Instituto Guttmacher – organização não governamental cujo objetivo é promover o debate sobre saúde reprodutiva –, na região leste do Congo (epicentro dos conflitos) duas em cada cinco mulheres e, surpreendentemente, um em cada quatro homens já foram vítimas de violência sexual¹⁶. Desses, 74% das mulheres e 65% dos homens afirmam que os abusos sofridos estão relacionados ao conflito. O estupro na República Democrática do Congo se tornou, portanto, uma das principais armas de guerra do conflito cujo principal motivo não seria sexual, mas a humilhação de um grupo étnico.

Além do estupro, existem outras inúmeras violações aos direitos humanos, como tortura, sequestro de crianças para torná-las combatentes (crianças-soldado) e assassinatos de jornalistas e defensores de direitos humanos.

Em meio aos combates, a ONU tenta manter a assistência a milhares de pessoas que vivem em campos de refugiados no país. Desde 1999, a organização mantém na RDC a sua maior força de paz (MONUSCO – Missão das Nações Unidas para a Estabilização da República Democrática do Congo) com 20.000 pessoas e um orçamento anual de mais de 1 bilhão de dólares¹⁷. A fragilidade do governo congolês, que não consegue manter presença em todo o território, possibilita o domínio de áreas do país pelos rebeldes – algumas com ricas minas de cobre, ouro, diamante e zinco –, e alimenta o temor de que países vizinhos ambicionem novamente envolver-se de forma direta no conflito.

¹⁵ Rape epidemic raises trauma of Congo War. Disponível em: http://www.nytimes.com/2007/10/07/world/africa/07congo.html?pagewanted=all&_r=0 Acesso em 13 jun 2015.

¹⁶ Rates of Sexual Violence are High in the Democratic Republic of Congo. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/41038670?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 12 abr. 2015

¹⁷ Eastern Congo Overview. Disponível em: http://www.enoughproject.org/conflicts/eastern_congo. Acesso em: 12 abr. 2015

Em novembro de 2013, o exército nacional e as forças de paz da ONU surpreenderam os rebeldes do M23 e os expulsaram do país. Diante disso, a direção da milícia afirmou em comunicado que encerraria suas atividades e declarou o fim do conflito. Entretanto, o que a história mostra é que a instabilidade na região é como uma Matrioshka (boneca russa): a cada vez que um grupo rebelde desaparece, vários outros menores se formam.

2. Jornalismo internacional e imprensa brasileira

2.1. O Desenvolvimento do Jornalismo Internacional

Não há consenso entre os estudiosos sobre o desenvolvimento do jornalismo dito internacional. Alguns acreditam ser uma variação ou especialização da atividade jornalística a qual teria nascido para reportar necessariamente acontecimentos locais ocorridos em outros países. Assim, a preocupação com eventos internacionais viria em um segundo momento, seria, portanto, uma evolução do jornalismo. Outros defendem que a expressão “jornalismo internacional” seria, em seu âmago, quase um pleonasmo uma vez que a produção jornalística seria fruto do interesse por noticiar fatos alhures.

A História tampouco nos provê de respostas incontestáveis. A primeira publicação regular – ou esboço de jornal – a surgir no mundo data de 59 A.C. (NOBLAT, 2008, P.15). Durante o Império de Julio Cesar, em Roma, foi criado o *Acta Diurna*, um boletim de notícias do governo que era talhado em pedras e exibido em locais públicos. Apesar do agrupado de notícias em Roma ser considerado um precursor da imprensa, para Natali (2004) o primeiro jornal do mundo – mais semelhante aos que conhecemos atualmente – foi o *Nieuwe Tijdinghen* (Notícias da Antuérpia) criado em 1605. Tratava-se de uma publicação quinzenal sobre fatos comerciais e mercantis que eram relatados por mercadores e viajantes da época.

Ou seja, surgindo em um momento de expansão do mercantilismo, das navegações e da busca por novos mercados, o jornalismo teria sido criado para suprir a ausência de conhecimento do outro, da realidade em outras nações. Ele seria, então, algo já existente entre os séculos XVII e XVIII, sendo uma consequência da ascensão de um novo sistema econômico (o mercantil) e dos interesses de uma elite dominante curiosa pelo que acontecia em outros territórios que agora se constituíam em fortes Estados nacionais.

Esse entendimento, no entanto, é contestado por Los Monteros (1998) para quem o jornalismo internacional é necessariamente um estágio posterior à produção de notícias locais. O jornalista e pesquisador mexicano defende que a produção de notícias é fruto

de uma vocação comunitária e de um interesse pela comunicação local. Para ele, o “embrião jornalístico”, a necessidade de informação, existe desde muito tempo em todo o mundo, seja de forma oral ou impressa. Entretanto, somente nos séculos XIX e XX é que haveria uma “profissionalização” da imprensa, com uma organização acadêmica e gremial dos jornalistas, bem como uma aproximação do jornalismo com a academia.

O jornalismo impresso se desenvolve com o surgimento da economia de mercado. Há cinco séculos de distância entre a imprensa de Gutenberg e a rotativa. A invenção desse maquinário teve um impacto direto na forma de se fazer jornalismo. Os avanços tecnológicos para a impressão e a produção massiva de papel foram motores da mudança do jornalismo político e literário do século XIX aos jornais diários, com grandes tiragens, a figura do repórter e o conceito genérico de notícia e nota informativa. Primeiro foram relevantes as notícias locais e o que era de interesse das elites sociais. (LOS MONTEROS, 1998).

O autor defende que o jornalismo internacional seria, então, “um fenômeno da atividade intelectual e econômica que data da metade do século XIX”. Ele seria necessariamente fruto de uma evolução da tecnologia não somente de comunicação, mas também de transporte. Seria o comércio internacional – agora já não mais em um sistema econômico mercantilista, mas capitalista – o motor do crescimento dos países. O interesse era por notícias sobre as variações nos preços de metais e produtos agrícolas na Bolsa de Londres, fundada em 1801.

Assim, embora os autores citados defendam momentos diferentes para o surgimento do jornalismo internacional, há em comum entre eles o pensamento de que a gênese do interesse por acontecimentos alhures se baseia no desenvolvimento econômico e nas oscilações de preços de *commodities*¹⁸. Parece que o jornalismo internacional está “geneticamente” ligado ao jornalismo econômico, sendo a motivação por noticiar guerras uma preocupação secundária ou posterior.

¹⁸Commodities podem ser definidas como mercadorias, provenientes de cultivo ou extração, que são produzidas em larga escala e comercializadas mundialmente. São produzidas por diferentes produtores e possuem características uniformes. Geralmente, são produtos que podem ser estocados por um determinado período de tempo sem que haja perda de qualidade. As commodities são negociadas em bolsas, portanto seus preços são definidos pelo mercado internacional sendo suscetíveis a oscilações nas cotações de mercado em virtude de perdas e ganhos nos fluxos financeiros no mundo. São negociadas no mercado físico para exportação ou no mercado interno e nos mercados derivativos das Bolsas de Valores e contratos futuros. Disponível em:

http://www.mdic.gov.br/sistemas_web/aprendex/cooperativismo/index/conteudo/id/304. Acesso em: 1 mai. 2015

Assim sendo, seria também possível pensar que as notícias sobre conflitos tenham uma importância maior a depender mais do seu potencial de prejuízo econômico do que humanitário. Guerras que geram perdas financeiras consideráveis e influenciam os preços das commodities, como o petróleo, seriam midiaticamente mais importantes. Isso, talvez, explique, em parte, uma maior atenção dada aos conflitos no Oriente Médio do que às guerras civis e aparentemente tribais na África.

2.1.1 O Boom das Agências de Notícias

Ao defender que o jornalismo internacional surge no século XIX, Los Monteros respalda seu argumento no aparecimento das agências de notícias nesse período, um ponto de inflexão na produção e circulação de notícias internacionais. O surgimento das agências, bem como seu conceito, serão explicados posteriormente.

Thussu (2006), semelhante a Los Monteros, reconhece que a troca de informação e ideias é milenar, dando como exemplo religiões que se espalharam por continentes, como o Cristianismo, Budismo e Islamismo. Mas também reconhece que a produção e circulação de notícias de forma profissional e sistemática é algo mais recente. Para ele, a expansão da comunicação internacional deveria ser vista em um contexto de crescimento do capitalismo no século XIX.

De acordo com Thussu, a Revolução Industrial na Europa, financiada pelo comércio internacional e pelos louros da colonização, deu um enorme estímulo à comunicação internacional com o advento de novas tecnologias, como o telégrafo. Ao mesmo tempo, a disponibilidade de informações rápidas e confiáveis seria algo crucial para a então expansão do capital europeu e “em um sistema global, mercados físicos devem ser substituídos por mercados ‘imaginários’ nos quais preços e valores são estimados por meio da distribuição regular e confiável de informação”. Isso faz com que a rede internacional de notícias que se forma na época seja, ao mesmo tempo, um motor e uma consequência do capitalismo que se consolida.

Nesse contexto, o estabelecimento de agências de notícias será de suma importância para o desenvolvimento de uma iniciante “indústria jornalística” e para o contínuo crescimento do comércio internacional, alterando o processo de disseminação de notícias tanto nacional como internacionalmente. Em “The globalizations of news”, Boyd-Barret e Rantanen defendem que “(...) a crescente demanda por informações comerciais – sobre negócios, ações, câmbio, commodities e colheitas – garantiu que as agências de notícias crescessem em poder e alcance”. (Boyd-Barret et Rantanen, 1998).

A primeira a surgir foi a francesa Agência Havas (atual *Agence France Press* – AFP) em Paris em 1835. Logo depois, vieram a alemã Wolff e a inglesa Reuters. Segundo Thussu (2006), as três eram subsidiadas por seus respectivos governos, controlando o “mercado de informações” na Europa e ambicionando expandir suas operações a outros continentes. Segundo Boyd-Barret (1980), a expansão das agências para fora da Europa estaria intimamente associada ao colonialismo territorial do fim do século XIX.

Durante quase meio século, as três agências dominaram o fluxo de notícias internacionais, mantendo contratos com agências nacionais e com colaboradores nos mais diversos territórios. Somente após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que a estadunidense Associated Press (AP) conseguirá desafiar o monopólio e passar a produzir e “fornecer” informações para a América Latina. Para Thussu (2006), a expansão da AP e o surgimento de outras agências com sede nos Estados Unidos só serão possíveis com as mudanças políticas no Velho Continente e o enfraquecimento dos impérios coloniais europeus após 1918.

É provável que a forma como as agências de notícias se desenvolveram – na mesma época, no mesmo continente, e com os mesmos objetivos, como fluxo de informações financeiras – e controlaram a maior parte da produção e circulação de notícias tenha sido a causa de certa padronização do fazer jornalístico e da pasteurização das notícias ainda vista. Anos depois, também surgiram, em outros continentes como Ásia e América Latina, grandes conglomerados e grupos de comunicação, mas esses parecem manter o formato semelhante e, possivelmente, os critérios jornalísticos e de noticiabilidade sobre os fatos.

2.2. História da Imprensa no Brasil

Segundo Noblat (2008), a criação da imprensa no Brasil é resultado de mudanças ocorridas em virtude da vinda da família real portuguesa em 1808 e de ideais modernizadores do príncipe regente D. João. Antes disso, era proibida a publicação de livros, jornais e revistas na colônia. A imprensa surge oficialmente no Rio de Janeiro em 13 de maio de 1808 com a criação da Imprensa Régia, atualmente Imprensa Nacional, responsável pela publicação do Diário Oficial da União.

O primeiro jornal brasileiro, no entanto, não sairia da Imprensa Régia. O Correio Braziliense (1808–1823), primeiro periódico com notícias sobre o Brasil e escrito em português, era produzido em Londres e sua primeira edição data de 1º de junho de 1808. O jornal era publicado mensalmente na capital inglesa para fugir da censura no Brasil Colônia (1500–1815) uma vez que ele defendia a liberdade de imprensa, em um momento de censura prévia.

Já o primeiro jornal produzido no Brasil foi a Gazeta do Rio de Janeiro, publicado pela primeira vez em 10 de setembro de 1808. Este periódico, no entanto, era diferente do Correio Braziliense, pois se destinava a informar sobre as ações administrativas e a vida social do país, constituindo-se, portanto, em um jornal oficial da monarquia.

É possível afirmar que as duas publicações têm em comum o interesse ou, talvez a necessidade, em reportar notícias internacionais. O Correio Braziliense foi fundado por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, um diplomata da Coroa Portuguesa que, após ser acusado de difundir ideias maçônicas no Brasil, foge para a Europa e exila-se na Grã-Bretanha. Por seu trabalho como diplomata e por sua defesa de ideais liberais para o Brasil, Hipólito daria grande espaço a notícias internacionais em duas de suas principais editoriais: Política, uma vez que os desenlaces internacionais poderiam vir a suportar o desenvolvimento de suas ideias no Brasil, e Comércio, com publicações referentes ao comércio brasileiro e estrangeiro.

A Gazeta do Rio de Janeiro, apesar de ser um jornal oficial que expedia especialmente comunicados do Governo, também reportava temas de Política Internacional. A pequena elite alfabetizada tinha interesse em saber sobre o desenrolar da guerra na Europa, as

vitórias napoleônicas e saber se, em algum momento, conseguiria voltar a terras portuguesas. Para Aguiar (2008), isso quer dizer que a imprensa brasileira teria um interesse nato por fatos alhures: “portanto, seja qual for o veículo tomado como marco para o nascimento da imprensa nacional, o fato é que jornalismo brasileiro nasceu em 1808 com os olhos voltados para fora.” (AGUIAR, 2008, p. 1).

Parece compreensível que um território colonizado pela Monarquia portuguesa, a qual havia fugido de suas terras em virtude da guerra na Europa e da possível invasão de seu território por Napoleão Bonaparte, tenha uma pequena elite amplamente curiosa por notícias internacionais. Este restrito público leitor estava ciente de que quaisquer alterações que pudessem ocorrer na colônia seriam fruto de desenlaces internacionais ou, ao menos, seriam fortemente influenciadas por eles. Assim, sua vida e seus negócios seriam afetados por questões externas. Saber sobre tais acontecimentos, portanto, não visava a saciar uma curiosidade pelo outro, mas estar atento às possíveis consequências para a colônia dos fatos de além-mar.

2.3. Jornalismo internacional no Brasil

No Brasil, como já supracitado, as primeiras publicações davam grande importância aos eventos exteriores devido a um momento histórico extremamente peculiar. Se como colônia, não havia autonomia para decidir sobre seu futuro, seria uma consequência natural a curiosidade sobre o outro, sobre as nações estrangeiras cujas ações acabariam por influenciar os rumos de terras brasileiras.

A bibliografia brasileira sobre jornalismo internacional no país é limitada. Não é possível afirmar com certeza quando a editoria de Internacional passou a existir nos jornais brasileiros. No caso do jornal O Estado de S. Paulo, o mais antigo do país ainda em circulação, sua primeira edição de 4 de janeiro de 1875 era composta por quatro páginas divididas em “seções”, posteriormente chamadas editorias, que tratavam de: ciências, economia, cidade, letras e literatura, além de incorporar avisos e anúncios.

No momento de criação de O Estado de São Paulo parece haver menos interesse pelos eventos internacionais. As notícias internacionais voltarão a ter importância e serão matérias de capa em algumas edições, mas em períodos especiais, como aqueles

próximos a grandes conflitos, como a Primeira Guerra (1914-1918) e a Segunda Guerra (1939-1945). A editoria de Internacional será estabelecida, com esse nome, no jornal a partir da década de 1950.

No próximo tópico, serão abordados em mais profundidade a criação do jornal no fim do século XIX, o surgimento e a consolidação da editoria de Internacional e atual estrutura da editoria.

3. O jornal O Estado de S. Paulo

O Estado de S. Paulo é o jornal mais antigo do país ainda em marcha e o quarto maior em circulação, com uma média diária de 234.863 exemplares, de acordo com dados do Instituto Verificador de Circulação para o ano de 2013¹⁹. Criado em 4 de janeiro de 1875, sob a alcunha de “A Província de S. Paulo”, teve o nome alterado para O Estado de S. Paulo em 1890 após a Proclamação da República. Fundado por Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos, o periódico nasceu com um viés claramente republicano e abolicionista. Por sua redação, passaram importantes nomes, tais como Monteiro Lobato e Euclides da Cunha, sendo este enviado pelo jornal ao estado da Bahia para cobrir a Guerra de Canudos (1896-1897).

Em 1895, o então redator-chefe, Francisco José Pestana, se afasta e o jornalista Julio Mesquita assume efetivamente a direção de O Estado de S. Paulo, dando início a uma série de mudanças no periódico (em 1902, Mesquita se torna o único dono do jornal²⁰). Entre as inovações de Mesquita, está a contratação da Agencia Havas, atual Agence France-Presse (AFP), a maior agência de notícias do mundo na época, com intuito de dar mais agilidade à cobertura internacional.

A partir de então, passa a existir em O Estado de S. Paulo uma espécie de editoria chamada “Agencia Havas”, com um resumo de notícias provenientes de diversas capitais do mundo, tais como: Londres, Washington, Paris e Lisboa. Em 1908 é aberta uma sucursal em Lisboa e, em 1911, em Roma. Aumenta-se o número de páginas, e o jornal passa a ter reportagens produzidas por ele (e não somente resumos da Agence France-Press) sobre eventos ocorridos em capitais europeias.

Depreende-se de tais ações um anseio do diário de dar maior relevância a eventos estrangeiros. De fato, O Estado de S. Paulo passa a fazer uma importante cobertura de internacional, dedicando sua capa às principais manchetes do mundo. Nos anos

¹⁹ Os maiores jornais do Brasil de circulação paga por ano. Ano de referência: 2013. Fonte: Instituto Verificador de Circulação (IVC) – circulação média diária no período de janeiro a dezembro de cada ano correspondente. Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>. Acesso em: 28 set. 2014.

²⁰ A família Mesquita ainda continua na direção do Grupo Estado – conjunto de empresas do qual fazem parte o jornal O Estado de S. Paulo, a Agência Estado, a Rádio Estadão, a Eldorado Brasil 3000, a OESP Mídia, editora de listas telefônicas, revistas e guias setoriais de mercado.

turbulentos que antecederam a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), por exemplo, o veículo dedicava três de suas dezesseis páginas a eventos internacionais.

Em 1950, é criada no jornal uma editoria de internacional, com este nome. Durante a ditadura militar (1964-1985), a publicação de notícias internacionais em maior número é também uma solução à escassez de notícias nacionais que passavam pelo crivo dos censores.

Atualmente, as notícias internacionais publicadas pelo Estadão – como o veículo é conhecido – são, em sua maioria, de agências de notícias com as quais o jornal possui convênio, tais como Agência France-Press (AFP), Reuters, Associated Press (AP), EFE e Dow Jones. Também há publicação de artigos de jornais estrangeiros, como New York Times, The Washington Post, The Times e The Sunday.

Quanto ao tamanho da editoria de Internacional, ela é formada atualmente por seis correspondentes internacionais, número duas vezes menor do que ocorria em 1970. São eles: Guga Chacra (Nova Iorque), Adriana Carranca (jornalista especial do Estado cobre principalmente conflitos humanitários na África e no Oriente Médio), Jamil Chade (Genebra), Claudia Trevisan (Washington) e Fátima Lacerda (Alemanha). Vale ressaltar que alguns dos correspondentes trabalham como jornalistas *freelancers* para O Estado de S. Paulo, não possuindo, portanto, um vínculo de exclusividade com o jornal.

Além dos correspondentes, há ainda dois colunistas: Mac Margolis, que escreve sobre América Latina, e Gilles Lapouge, jornalista francês que tem como tema política externa europeia.

Outra característica importante é que os correspondentes são responsáveis por blogs no jornal. Assim, além de escreverem matérias que são publicadas regularmente pela editoria Internacional seja no formato online ou impresso, eles mantêm os blogs (veja listagem abaixo) no qual escrevem sobre temas de interesse de forma mais opinativa ou didática, como é o caso de Guga Chacra que responde a perguntas sobre os intrincados conflitos no Oriente Médio.

3.1.Tabela 1. Correspondentes de O Estado de São Paulo

CORRESPONDENTE	BLOG	CONTEÚDO
Lucia Guimarães	Luzes da Cidade http://internacional.estadao.com.br/blogs/lucia-guimaraes/	De Nova Iorque, Lucia Guimarães escreve sobre cultura e política internacional.
Guga Chacra	De Beirute a Nova York http://blogs.estadao.com.br/gustavo-chacra/	De Nova Iorque, Guga Chacra escreve sobre política internacional com foco no Oriente Médio e em organizações terroristas.
Adriana Carranca	Do front http://blogs.estadao.com.br/adriana-carranca/	Adriana Carranca se especializou em coberturas de conflitos e temas humanitários, dando espaço a organizações como Médicos Sem Fronteiras e Cruz Vermelha
Jamil Chade	Direto da Europa http://blogs.estadao.com.br/jamil-chade/	De Genebra, Jamil Chade cobre política internacional com foco nas instituições, em especial Organização das Nações Unidas (ONU) e União Européia.
Claudia Trevisan	America http://blogs.estadao.com.br/claudia-trevisan/	Baseada em Washington, Cláudia Trevisan é correspondente do Estadão nos Estados Unidos e, em seu blog, escreve sobre política doméstica e externa estadunidense.

Fátima Lacerda	Todos os caminhos levam a Berlim http://blogs.estadao.com.br/fatima-lacerda/	De Berlim, Fátima Laceda escreve sobre uma gama variada de assuntos, desde política internacional a cultura.
----------------	---	--

As matérias de caráter mais factual (*hard news*) costumam ser reproduções de agências de notícias ou matérias de enviados especiais a determinadas regiões.

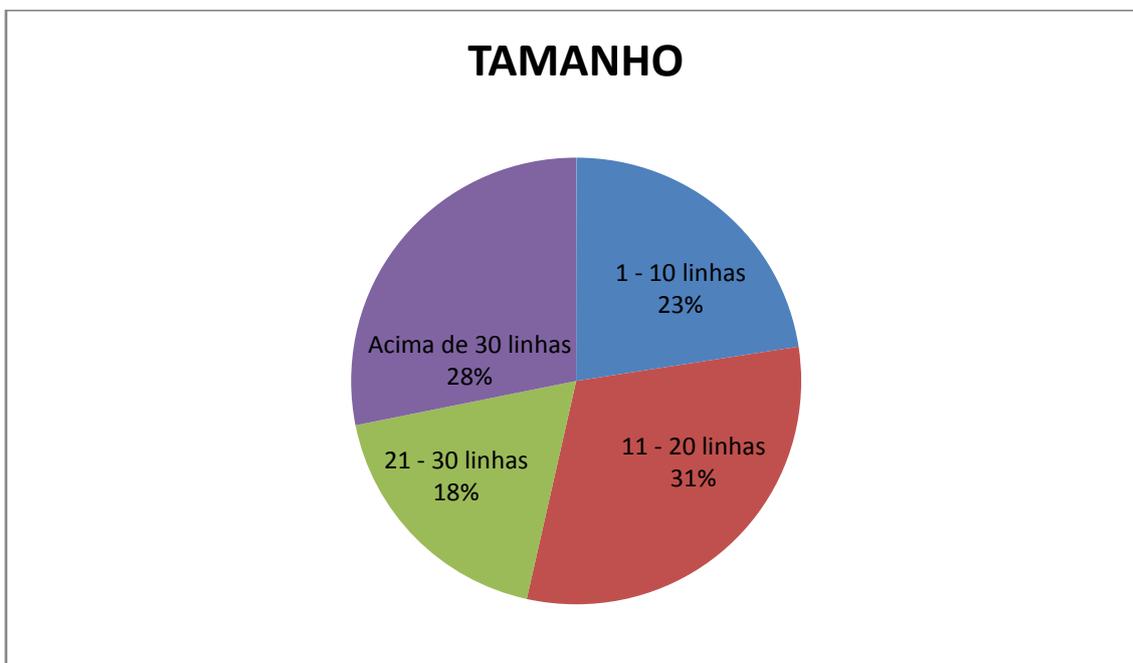
4. A análise das notícias

Para entender de que forma se deu a cobertura, bem como qual o espaço que o conflito na República Democrática do Congo teve no jornal O Estado de S. Paulo, foram analisadas as 71 matérias veiculadas pelo jornal sobre o país nos anos de 2012 e 2013, justamente o período de escalada da guerra civil no país. Para analisar as matérias, foram utilizadas as seguintes categorias:

- Tamanho: designado pelo número de linhas uma vez que o site do jornal O Estado de S. Paulo não permite que os textos sejam copiados, o que inviabiliza contagem de caracteres. As linhas têm tamanho padrão, logo foi possível utilizá-las como “unidade de medida”.
- Formato: online, quando publicada somente no site, ou impressa, publicada no jornal na sua versão papel. Geralmente, quando na versão impressa, a matéria também está no site. Uma matéria publicada no “jornal de papel” tende a ser “mais importante” que uma publicada somente no site. Dado que a internet oferece um espaço “quase infinito”, chegar às páginas físicas (e enxutas) dos jornais seria como vencer uma seleção “natural” de notícias.
- Origem: de onde “veio” a matéria. Ou seja, se é uma reprodução de agência de notícias e qual delas; ou produzida pela redação do Estadão, o que é uma reprodução de inúmeras agências, resultado de informações coletadas de diferentes formas (múltiplas agências e, às vezes, auxílio de algum correspondente) ou matéria produzida pelo jornal por correspondente ou enviado especial.
- Atores locais: congolezes que aparecem na matéria, seja como especialistas (pesquisadores, ONGs, etc) ou como vítimas
- Atores externos: especialistas, pesquisadores ou ONGs e organismos internacionais
- Foco: qual o principal tópico abordado na matéria, tais como violência contra civis, violência sexual, confronto entre exército e rebeldes, etc.
- Gênero das fontes: qual o gênero de fontes e personagens que aparecem na matéria, sejam atores locais ou externos

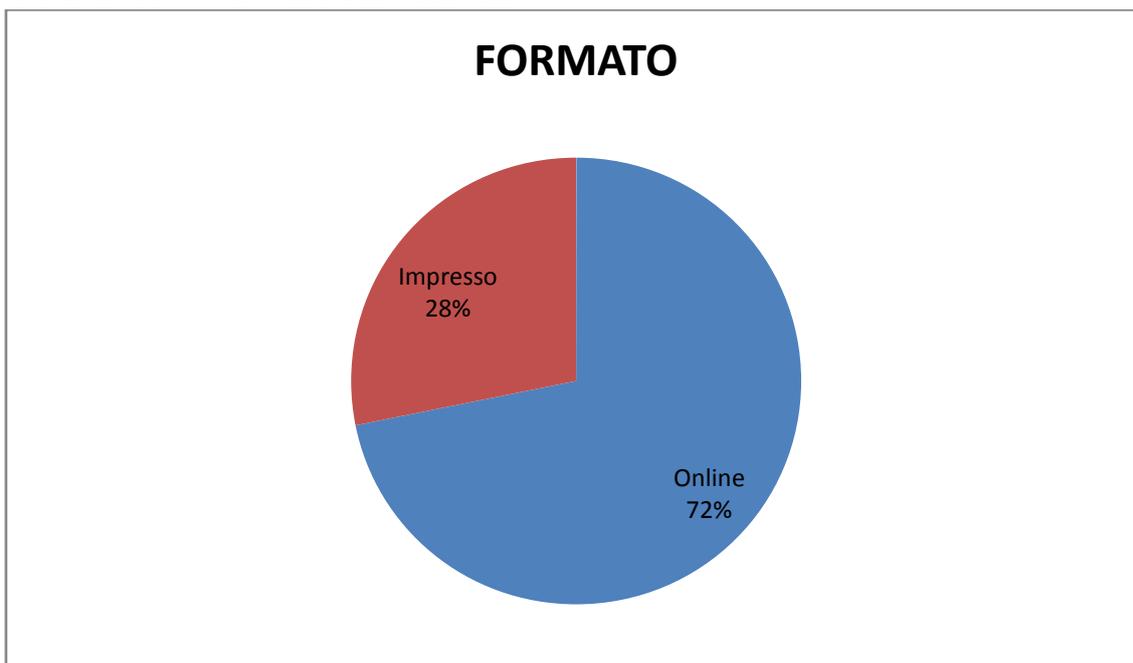
- Local das fontes: país de origem dos atores externos que aparecem nas matérias
- Recursos de edição: se há ou não algum tipo de recurso de edição nas matérias, tais como fotos, gráficos, hiperlink, etc...

4.1. Gráfico 1 – tamanho das matérias



O tamanho das matérias está equilibrado, com um número de matérias médias (entre 11 e 20 linhas) semelhante ao número de matérias grandes (acima de 30 linhas). A existência de matérias grandes, no entanto, não indica, necessariamente, uma importância do tema. As matérias muito longas, nesse caso, não necessariamente significam conteúdos aprofundados por dois motivos: i) a maioria esmagadora das notícias do Congo no jornal O Estado de S. Paulo é oriunda de textos de agências. Tais matérias costumam ser extremamente longas e cheias de detalhes, especialmente os da agência Associated Press. Assim, muitas vezes o jornal faz somente uma tradução direta do texto antes de publicá-lo o que, muitas vezes, pode tornar o texto não muito agradável a um leitor comum; ii) o segundo ponto seria justamente um excesso de detalhes nas matérias, sem muita contextualização. Assim, ainda que o leitor se aventure a lê-la continuará sem entender o que acontece no país.

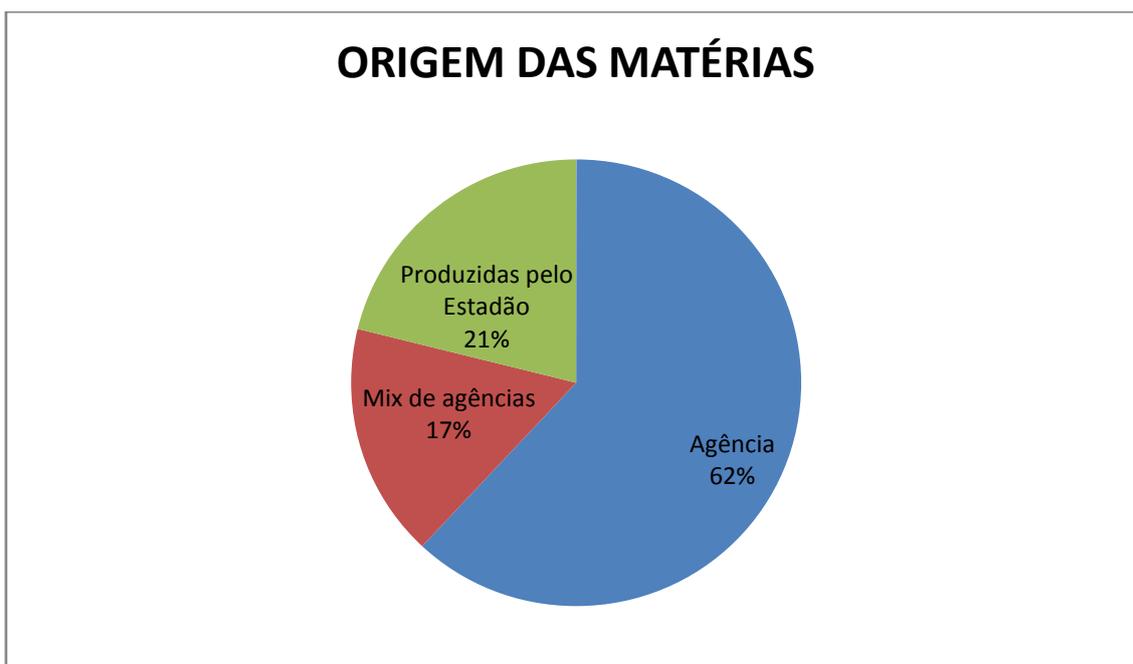
4.2. Gráfico 2 – formato das matérias



Do total de matérias, 51 foram publicadas somente online e 20 foram publicadas também na versão impressa, além do site. E somente uma matéria produzida pela jornalista Adriana Carranca sobre a rendição do grupo rebelde M23 foi somente veiculada no formato impresso. O que é uma rara exceção uma vez que no modelo atual, as notícias ganham espaço no formato virtual e somente algumas, privilegiadas, chegam (também) fisicamente às mãos dos leitores.

Mesmo em um momento de questionamento de uma possível extinção do jornal papel, ainda se percebe um interesse maior por parte de jornalistas em publicar sua matéria na versão impressa. Em um momento em que os jornais estão cada vez mais enxutos e dado que a internet oferece um espaço infinito, chegar às páginas físicas seria quase como vencer uma seleção natural de notícias. Assim, somente 28% das matérias sobre o Congo foram publicadas ao lado de notícias sobre Estados Unidos e conflitos no Oriente Médio que costumam “dominar” a editoria de Internacional.

4.3 Gráfico 3 – origem das matérias



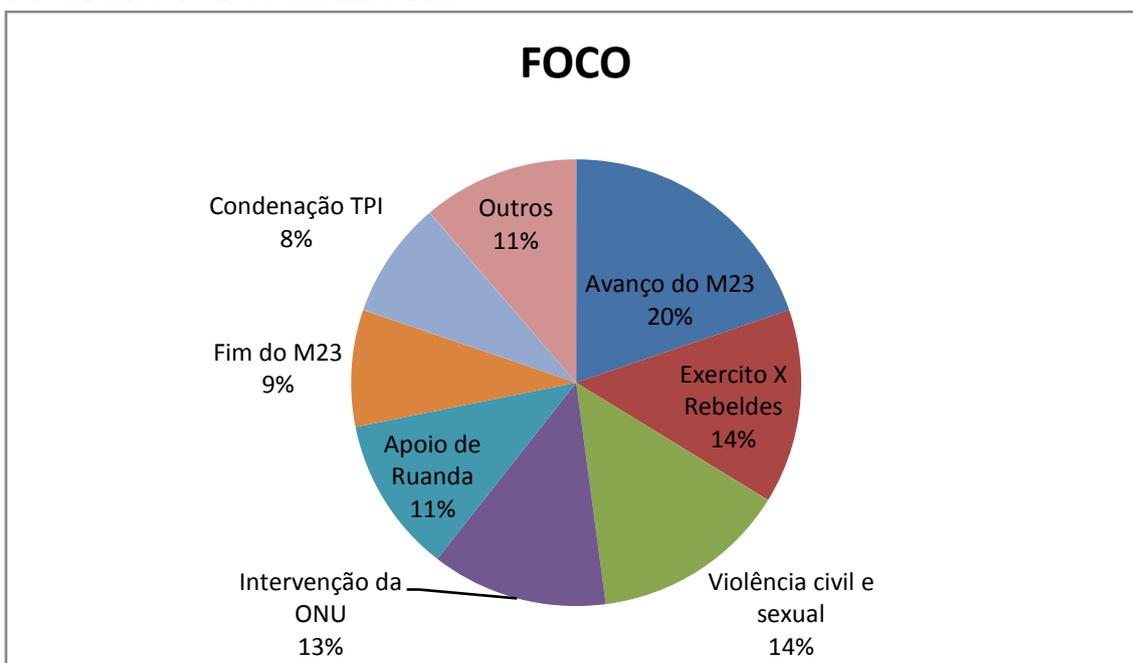
Como se observa no gráfico, a maioria esmagadora das matérias é reprodução de agências de notícias. Seja a reprodução direta de uma agência (parte azul) ou aquelas produzidas pela “Redação do Estado” o que significa que são recortes de diferentes agências, uma colcha de retalhos ou um mix de agências (parte vermelha). Elas correspondem a 56 das 71 matérias publicadas. Assim, as 15 matérias produzidas pelo jornal Estado de S. Paulo respondem por 21% das matérias.

Das matérias produzidas, 11 foram feitas pela jornalista Adriana Carranca que viajou até a República Democrática do Congo em outubro de 2013 e fez uma série de reportagens sobre o conflito com uma bela contextualização e explicação das raízes da guerra civil. As matérias de Carranca são umas das poucas do universo de 71 reportagens aqui analisadas em que há a voz de moradores e vítimas. Em sua maioria, os “atores locais” são somente representantes do governo do Congo ou do grupo rebelde M23.

As outras matérias produzidas pelo jornal não foram feitas *in loco*. Trata-se de um artigo “A fuga do Congo” produzido pelo jornalista Mac Margolis, colunista da editoria de internacional; uma reportagem feita pela jornalista Denise Chrispin com mulheres congolesas refugiadas em São Paulo; uma matéria sobre a intervenção da ONU no conflito de autoria de Jamill Chade, correspondente do jornal em Genebra e, finalmente,

uma matéria feita sobre Carlos Alberto dos Santos Cruz, o general brasileiro que chefiava a missão de paz da ONU no país. A matéria é assinada por Lisandra Paraguassu, repórter do Estado de S. Paulo em Brasília.

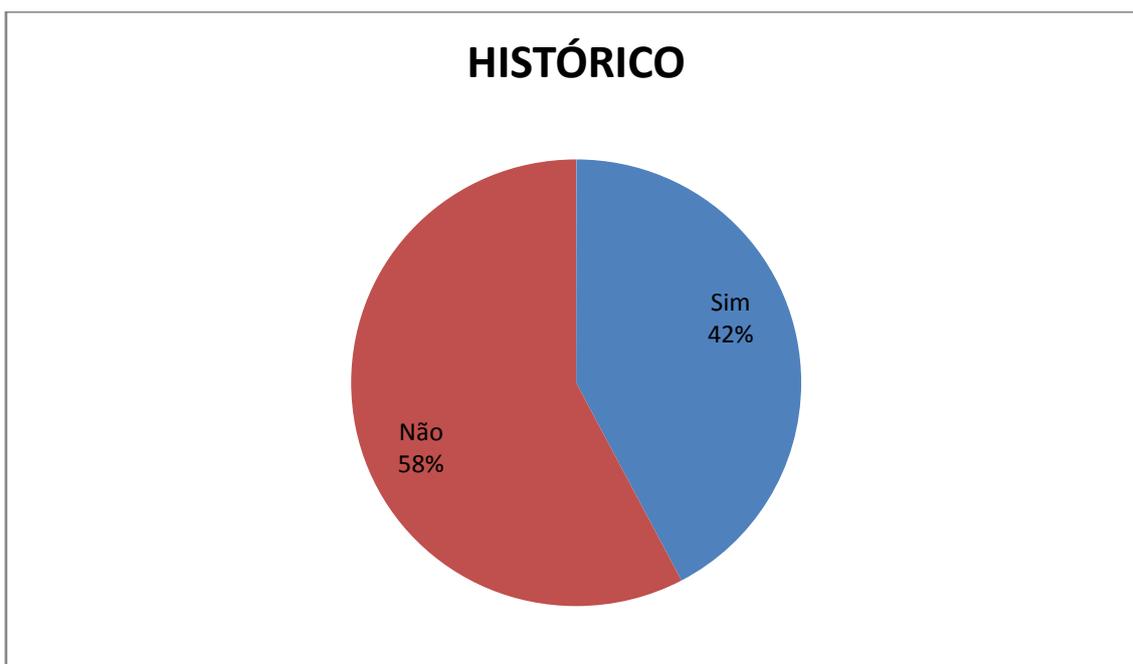
4.4. Gráfico 4 – foco das matérias



Apesar da diversidade de foco nas matérias, é possível perceber que há um interesse maior pela atuação de organismos internacionais, tais como Organização das Nações Unidas ou Tribunal Penal Internacional, e pela participação de entidades organizadas no conflito, como o Exército do Congo e o grupo rebelde M23, bem como a participação de outros países, especialmente Ruanda acusada constantemente pelo Congo e pela ONU de financiar os rebeldes. Se somarmos todas as matérias que têm um foco mais institucional do conflito (M23, Exército, Ruanda, ONU, etc) e menos um ângulo humano, elas respondem por 53 das 71 matérias, ou seja, 74%.

As matérias cujo foco é humanitário, que abordam o cotidiano de civis em meio ao conflito, encontram-se em número bem menor. Sobre a violência contra civis há 5 matérias e o mesmo número sobre a violência sexual que é um dos principais problemas da guerra na República Democrática do Congo. Como já mencionado, o país é considerado a capital mundial do estupro onde quase 30% da população feminina já foi vítima de violência sexual.

4.5. Gráfico 5 – Histórico



Das 71 matérias analisadas, somente 30 apresentam informações sobre o histórico do conflito que possam contextualizar a notícia. O contexto é um elemento fundamental em qualquer “peça jornalística” sobre qualquer assunto. Mas especialmente quando se trata de um tema pouco conhecido e explorado e de um país que nem todos os leitores sabem que existe (em especial, pela confusão gerada pela troca de nomes nos anos 70 e pela existência de outro país com nome semelhante República do Congo ou Congo Brazzaville), a ausência de algumas informações históricas torna a matéria pouco palatável e compreensível.

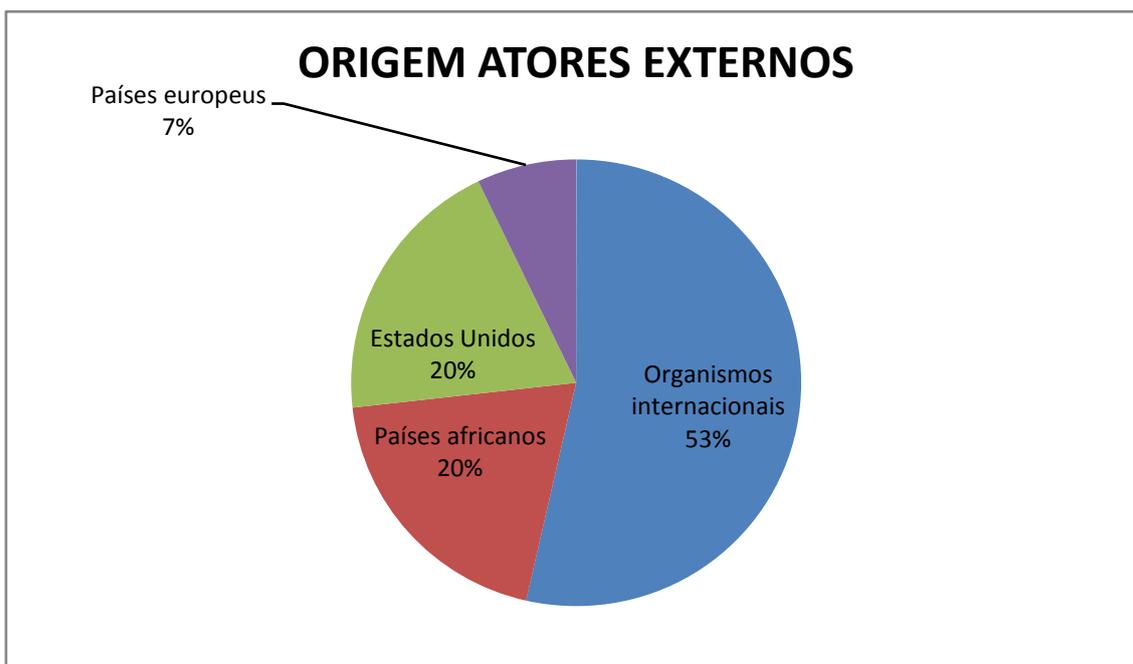
4.6. Gráfico 6 – atores locais e externos



Há mais matérias cujo lugar de fala é dado a atores externos do que a atores (ativistas, governo, vítimas) da própria República Democrática do Congo. Parece haver um maior interesse na visão de outros países, como Estados Unidos, ou organismos internacionais como a ONU. Como se a voz desses atores ecoasse um discurso mais legítimo do que o da própria população.

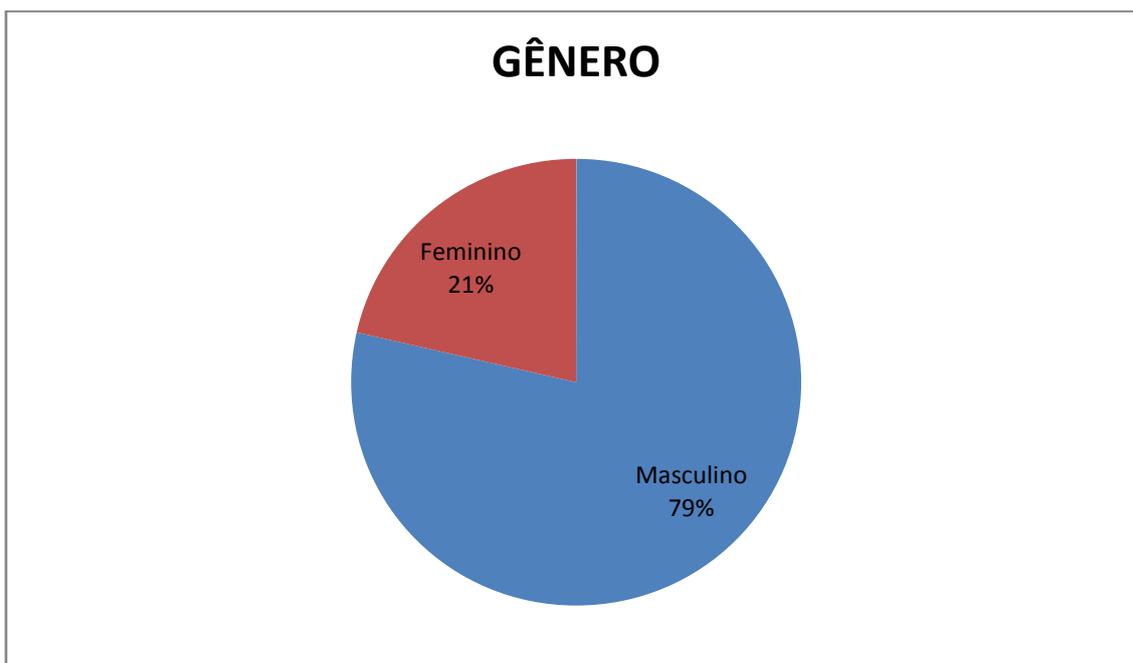
Cabe ressaltar também que dentre os atores locais, há uma esmagadora maioria de atores oficiais, ou seja, representantes do governo ou representantes do grupo rebelde M23. Das 71 matérias, somente 12 trazem a voz da população local: 8 são de vítimas do conflito e as outras de ativistas locais. Importante notar que essas “vozes locais” aparecem nas matérias de Adriana Carranca e nas demais matérias produzidas pelo Estado.

4.7. Gráfico 7 – local das fontes



A maioria das matérias conta com informações passadas por representantes de organismos internacionais, além de organizações não-governamentais dos Estados Unidos e países da União Europeia, como Reino Unido e França. Assim, semelhante ao gráfico anterior, a participação dessa vez não de locais, mas de países africanos vizinhos ao conflito também é diminuta se comparada à participação de “atores ocidentais”.

4.8. Gráfico 8 – gênero nas matérias



Como é possível observar, a participação de atores do gênero masculino é claramente superior. Das 71 matérias, somente em 12 há a voz de mulheres. Ressaltando que dessas, as especialistas encontram-se apenas entre os atores externos, tais como representantes de organismos internacionais. Das vozes femininas locais, todas são de vítimas de violência sexual, com exceção da freira congoleza Angelique que é tema de uma das matérias por seu trabalho com mulheres vítimas de estupro no Congo.

4.9. Gráfico 9 – recursos de edição



Quanto à presença de recursos de edição, somente 12 das 71 matérias possuem algo como fotografias ou mapas. Semelhante à presença de histórico ou informações que contextualizem a notícia como mencionamos anteriormente, recursos de edição servem para facilitar a compreensão e tornar a matéria mais interessante ao leitor, bem como chamar a atenção do mesmo.

5. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo entender de que forma o conflito na República Democrática do Congo foi abordado pelo jornal O Estado de S. Paulo nos anos de 2012 e 2013, período de nova escalada da guerra civil congoleza iniciada em 1997. O interesse pelo tema foi suscitado pelo fato de o conflito dos anos de 2012 e 2013 ser parte de uma guerra que se configura, ao lado da guerra na Síria, como um dos maiores conflitos humanitários atuais, em número de mortos e refugiados. Diferente do conflito no Oriente Médio, no entanto, a guerra congoleza não aparece com frequência nos jornais. A título de breve comparação, a guerra civil na Síria apareceu, somente em 2012, um ano após seu início, 701 vezes no jornal Estado de S. Paulo. Esse número é dez vezes maior do que o total de matérias sobre o conflito na República Democrática do Congo nos dois anos aqui analisados.

Assim, o interesse em contabilizar o número de matérias no período bem como o tipo de abordagem e o espaço que a elas foi dado no jornal. O objetivo inicial era que essa análise fosse feita entre os três principais jornais de circulação nacional (O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo). Por uma questão de tempo, no entanto, foram analisadas somente as matérias do jornal O Estado de S. Paulo escolhido porque, apesar de ser o segundo maior do país, atrás da Folha de S. Paulo, é, como já mencionado, aquele que conta com maior tradição em sua editoria Internacional. De fato, no mesmo período, a Folha de S. Paulo publicou 41 matérias sobre a guerra no Congo, um número 40% menor, além de não ter enviado nenhum correspondente ao país. A comparação mais profunda com os outros veículos poderá ser feita em estudos posteriores.

Assim, foram analisadas aqui as 71 matérias publicadas nos dois anos de conflito. Observou-se que apesar da diversidade de foco, os temas mais abordados são aqueles que envolvem organismos internacionais ou a posição e assistência de países-chave, como Estados Unidos e Reino Unido. O drama humano, como a violência contra civis ou a violência sexual – tida como epidêmica no país por especialistas da ONU – aparece em poucas matérias, aproximadamente 15% delas. O foco de em organizações e fóruns internacionais, no entanto, não surpreende. Por tratar-se de um país de pouca importância geopolítica aparente e de um conflito que é resumido por alguns simplesmente como uma “guerra tribal” ou mais um conflito em um continente

esfacelado, parece ser somente a participação de potências internacionais uma das principais razões para que a guerra congoleza ganhe as páginas e telas dos jornais.

Diferenciando-se das matérias que apresentam o discurso previsível e pouco considerado dos organismos internacionais, está a série de 11 reportagens produzidas pela jornalista Adriana Carranca, repórter especial do Estado de S. Paulo. Ela visitou o Congo e especificamente a província de Kivu do Norte, na fronteira com Ruanda e epicentro do conflito. Especializada na cobertura de direitos humanos e conflitos humanitários, Carranca conseguiu nas 11 reportagens o que não se viu nas 60 restantes, o ângulo humano e, mais importante, a voz direta das vítimas coisas essas só captadas pelo jornalista que está de fato, de corpo e alma, no local dos acontecimentos. Carranca chega a uma das vilas na manhã seguinte a uma “matança” de civis por rebeldes e consegue entrevistar uma senhora cujos filhos e maridos haviam sido mortos durante a madrugada. Cabe aqui reconhecer o esforço de Carranca e do Estado de S. Paulo, único jornal brasileiro a enviar um repórter ao Congo nos dois anos aqui analisados.

Outra importante categoria analisada foi a existência ou não de um histórico nas matérias, ou seja, um “background” de informações que permita ao leitor situar-se e, de fato, entender aquilo que está lendo. O resultado insatisfatório, mas esperado, mostra que somente 30 das 71 matérias traz algum tipo de detalhe sobre o país, fases anteriores da guerra ou uma contextualização da notícia. A falta de contexto torna o tema menos tangível e interessante.

Outro fato que também não surpreende, mas ainda sim desaponta, é a participação maior de atores externos do que atores locais nas matérias. Potências e organismos internacionais e ONGs estrangeiras têm mais voz dos que os próprios congolezes. Estes quando aparecem não têm cara, são somente a representação de uma entidade, governo da República Democrática do Congo, ou de estatísticas na forma de vítimas, muitas vezes, anônimas. Somente em quatro matérias há espaço para o discurso de ativistas locais. Isso é ruim porque perpetua um imaginário vitimista de que os cidadãos de países em conflitos não são capazes de mobilizar-se e buscar soluções para os próprios problemas e completamente dependentes da condescendente ajuda externa enviada pelas potências, as mesmas que dilapidaram seu território no passado e insuflaram golpes de estado.

A importância da quantidade e qualidade das matérias parece óbvia quando se trata de um conflito considerado a pior (ou talvez segunda pior com a degradação da situação na Síria) crise humanitária do mundo moderno. É, no mínimo, contraditório que uma guerra civil que receba tal rótulo também esteja na lista das crises menos noticiadas do mundo. Ainda que não existisse um conflito que se arrasta há décadas, somente a informação de que em um país 30% das mulheres já foram estupradas é uma situação grave o suficiente para que isso merecesse mais e melhores caracteres.

Em um momento de crise dos jornais e do jornalismo, em que o furo tornou-se uma tarefa hercúlea, e que os jornalistas se sentem ameaçados por redes sociais, por blogs e por qualquer cidadão com um celular conectado à internet, a busca por temas importantes e menosprezados talvez seja uma nova fronteira a ser descoberta.

<http://aleph.academica.mx/jspui/bitstream/56789/22333/1/38-152-153-1998-0415.pdf>.

Acesso em: 10 ago. 2014

NATALI, João Batista. *Jornalismo internacional*. 2º Ed. Sao Paulo: Contexto, 2011.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2008.

THUSSU, Daya Kishan. *International Communication: continuity and change*. 2º Ed. Londres: Hodder Education, 2006.

"Top Ten" Most Underreported Humanitarian Stories of 1999. Disponível em:
<http://www.doctorswithoutborders.org/news-stories/special-report/top-10-most-underreported-humanitarian-stories-1999>

"Top Ten" Most Underreported Humanitarian Stories of 2000. Disponível em:
<http://www.doctorswithoutborders.org/news-stories/special-report/top-10-most-underreported-humanitarian-stories-2000>

"Top Ten" Most Underreported Humanitarian Stories of 2001. Disponível em:
<http://www.doctorswithoutborders.org/news-stories/special-report/top-10-most-underreported-humanitarian-stories-2001>

"Top Ten" Most Underreported Humanitarian Stories of 2002. Disponível em:
<http://www.doctorswithoutborders.org/news-stories/special-report/top-10-most-underreported-humanitarian-stories-2002>

"Top Ten" Most Underreported Humanitarian Stories of 2003. Disponível em:
<http://www.doctorswithoutborders.org/news-stories/special-report/top-10-most-underreported-humanitarian-stories-2003>

"Top Ten" Most Underreported Humanitarian Stories of 2004. Disponível em:
<http://www.doctorswithoutborders.org/news-stories/special-report/top-10-most-underreported-humanitarian-stories-2004>

"Top Ten" Most Underreported Humanitarian Stories of 2005. Disponível em:
<http://www.doctorswithoutborders.org/news-stories/special-report/top-ten-most-underreported-humanitarian-stories-2005>

"Top Ten" Most Underreported Humanitarian Stories of 2006. Disponível em:
<http://www.doctorswithoutborders.org/news-stories/special-report/top-ten-most-underreported-humanitarian-stories-2006>

"Top Ten" Most Underreported Humanitarian Stories of 2007. Disponível em:
<http://www.doctorswithoutborders.org/news-stories/special-report/top-ten-most-underreported-humanitarian-stories-2007>

"Top Ten" Most Underreported Humanitarian Stories of 2008. Disponível em:
<http://www.msf.org.au/topten/>

"Top Ten" Most Underreported Humanitarian Stories of 2009. Disponível em:
<http://www.theroadtothehorizon.org/2009/12/msf-top-10-humanitarian-crisis-of-2009.html>

APÊNDICE A: Análise das matérias por categorias

TÍTULO	DATA	TAMANHO	FORMATO	ORIGEM	FOCO	HISTÓRICO	ATORES LOCAIS	ATORES EXTERNOS	GÊNERO DAS FONTES	LOCAL
1. Rebeldes de Ruanda matam 45 na República Democrática do Congo	06/01/2012	22 linhas	Online	Agência EFE	Violência contra civis	Não	- Forças Armadas da RDC - Rádio Okapi - Amani Leo (porta-voz das Forças Armadas)	N/A	masculino	N/A
2. General é acusado de recrutar 149 crianças	17/05/2012	5 linhas	Online	Redação Estadão	Crianças soldado	Não	Não	- Human Rights Watch (ONG americana)	N/A	Estados
3. Combates deixam mais de 100 mortos no leste do Congo	22/05/2012	17 linhas	Online	Dow Jones e AFP	Confronto entre o exército e rebeldes	Sim	Omar Kavota (ativista local)	não	masculino	N/A
4. Ex-líder militar congolês é condenado a 14 anos de prisão	10/07/2012	18 linhas	Online	Reuters	Condenação pelo TPI.	Sim	Não	Adrian Fulford, TPI	Masculino	Organis
5. Primeira sentença de TPI condena congolês a 14 anos de prisão	11/07/2012	28 linhas	Online	Redação Estadão	Condenação pelo TPI.	Sim	Não	Adrian Fulford – Presidente do Juri do Tribunal Penal Internacional	Masculino	Organis

6. Líderes africanos debatem domingo situação no Congo	14/07/2012	13 linhas	Online	Dow Jones	Assistência do continente africano	Sim	Não	Ramtamre Lamamra – comissão da União Africana	masculino	Organis
7. EUA cortam ajuda militar a Ruanda após apoio a rebeldes no Congo	21/07/2012	17 linhas	Online	Reuters	Apoio de Ruanda aos rebeldes	Sim	Não	Hillary Renner – porta-voz do Departamento de Estado dos EUA	feminino	Estados
8. África enviará força militar contra rebeldes no Congo	07/08/2012	39 linhas	Online	Dow Jones	Assistência do continente africano	Sim	Não	- Hillary Clinton – Secretária de Estado dos EUA - Louise Mushikiwabo – Chanceler de Ruanda	feminino	Estados Ruanda
9. Milícias usam violência sexual como arma de guerra no Congo	24/08/2012	64 linhas	Online	BBC	Violencia sexual	Sim	Vítimas anônimas	- American Journal of Public Health - Margot Wallstrom (enviada da ONU a RDC) - Lara Stemple (Universidade da Califórnia) -Chris Dolan (Uganda	Feminino masculino	Estados Uganda

								Refugee Project)		
10. Rebeldes do Congo cometeram abusos generalizados, diz entidade	10/09/2012	25 linhas	Online	Reuters	Violência contra civis	Sim	Não	Anneke Wan Woundenberg (pesquisadora Human Rights Watch	feminino	Estados
11. Ruanda e Uganda armam rebeldes do Congo	16/10/2012	23 linhas	Online	Reuters	Apoio de Ruanda aos rebeldes	Não	Não	ONU	N/A	Organis
12. Conselho de Segurança da ONU planeja sanções contra rebeldes do Congo	19/10/2012	11 linhas	Online	Reuters	Apoio de Ruanda aos rebeldes	Não	Não	ONU	N/A	Organis
13. Exército mata 44 rebeldes em confronto no Congo	15/11/2012	23 linhas	Online	AP	Confronto entre Exército e rebeldes	Não	- Olivier Hamuli (Exército RDC) - Bertrand Bisiwa (grupo rebelde M23)	Não	masculino	N/A
14. Congo: número de rebeldes mortos sobe a 151	16/04/2012	17 linhas	Online e Impresso	AP	Confronto entre exército e rebeldes	Não	- Julien Paluku (governador de Kivu Norte) - Olivier	Não	masculino	N/A

							Hamuli (Exército RDC) - Vianney Kazarama (grupo rebelde M23)			
15. Choques entre exército e rebeldes matam 151	17/04/2012	5 linhas	Online	Redação Estadão	Confronto entre exército e rebeldes	Não	Não	Não	N/A	N/A
16. Helicópteros da ONU atacam rebeldes no Congo	17/04/2012	18 linhas	Online	AP	Intervenção da ONU	Sim	- Julien Paluku (governador de Kivu Norte)	Não	masculino	N/A
17. Congo dispara com armamento pesado contra Ruanda	19/11/2012	8 linhas	Online	Reuters	Apoio de Ruanda aos rebeldes	Não	Fonte não identificada	Não	N/A	N/A
18. Ruanda diz que não planeja responder a bombardeio do Congo	19/11/2012	12 linhas	Online	Reuters	Apoio de Ruanda aos rebeldes	Não	Não	Louise Mushikiwabo (Chanceler de Ruanda)	feminino	Ruanda
19. Ruanda acusa Congo de bombardear cidade fronteiriça	19/11/2012	34 linhas	Online	Reuters	Apoio de Ruanda aos rebeldes	Sim	Porta-voz do governo congolês (não identificado)	Louise Mushikiwabo (Chanceler de Ruanda)	feminino	Ruanda

20. Rebeldes dizem assumir cidade no Congo em meio a tensões com Ruanda	20/11/2012	14 linhas	Reuters	Online	Avanço do grupo rebelde M23	Não	Não	ONU	N/A	Organis
21. Exército se retira e rebeldes tomam Goma	21/11/2012	6 linhas	Redação Estadão	Online	Avanço do grupo rebelde M23	Não	Não	ONU	N/A	Organis
22. Soldados e policiais entregam-se a rebeldes em Goma	21/12/2012	41 linhas	AP e Dow Jones	Online	Avanço do grupo rebelde M23	Não	- Vianney Kazarama (porta-voz M23) - Feller Lutahichirwa (governador Kivu do Norte)	- Diplomata de Uganda não identificado	Masculino	Uganda
23. Rebeldes ameaçam destituir o presidente	22/11/2012	7 linhas	Redação Estadão	Online e impresso	Avanço do grupo rebelde M23	Não	Vianney Kazarama (porta-voz M23)	Não	masculino	N/A
24. Rebeldes do Congo rejeitam pedidos para sair da cidade	22/11/2012	25 linhas	Reuters	Online	Avanço do grupo rebelde M23	Não	Jean-Marie Runiga (M23)	Não	Masculino	N/A
25. Rebeldes ameaçam avançar até a capital	23/11/2012	7 linhas	Redação Estadão	Online	Avanço do grupo rebelde M23	Não	Não	Não	n/a	n/a
26. Rebeldes do Congo avançam	23/11/2012	46 linhas	Reuters	Online	Avanço do grupo	Sim	Pastor Jean Kambale	Correspondent e Reuters	Masculino	Não inf

após repelir contra ataque do governo					rebelde M23					
27. Crise e violência se espalham pela Africa	24/11/2012	10 linhas	AP	Online	Avanço do grupo rebelde M23	Sim	Não	Não	n/a	n/a
28. Líderes africanos pedem que rebeldes do Congo acabem com a guerra	24/11/2012	22 linhas	Reuters	Online	Avanço do grupo rebelde M23	Não	Joseph Kabila – Presidente do Congo	Presidente da Tanzania, Yoweri Museveni Presidente do Quênia (Mwai Kibaki) Ministras de Relações Exteriores de Ruanda, Louise Mushikiwabo	Masculino feminino	Tanzânia Quênia
29. Essa outra guerra insana (artigo)	25/11/2012	83 linhas	Online e Impresso	Foreign Policy	Apoio de Ruanda aos rebeldes	Sim	Vianney Kazaram – coronel M23	- ONU - Ministro de Relações Exteriores da França, Laurent Fabius - Human Rights Watch	masculino	Organismo França Estados Unidos
30. Rebeldes do Congo definem condições para retirada de Goma	27/11/2012	42 linhas	Online	Reuters	Avanço do grupo rebelde M23	Não	Jean-Marie Runiga, líder político do M23 -Lamberte	-ONU - Exercito de Uganda	masculino	Organismo Uganda

							Meme, porta-voz governo Congo			
31. Rebeldes congolese comeam a abandonar linha de frente em Goma	30/11/2012	29 linhas	Online	Redação Estado	Avanço do grupo rebelde M23	Não	Sultani Makenga, líder militar M23	Madjoune Monoubai, porta-voz ONU Justine Greening, secretaria de Desenvolvimento Internacional do Reino Unido	masculino	Organis Reino U
32. ONU alerta para epidemia de estupros no Congo	05/12/2012	34 linhas	Online e impressa	Redação Estadão	Violência sexual	Sim	Não	Adrian Edwards, porta-voz ONU	masculino	Organis
33. Congolese protestam contra a impotência do exercito em Goma	06/12/2012	17 linhas	Online	Associated Press	Avanço do grupo rebelde M23	Não	Nuc Inkulula, ativista local	nao	masculino	n/a
34. ONU confirma abusos de rebeldes no Exercito	08/12/2012	5 linhas	Online e impresso	Redação Estadão	Violencia sexual	Nao	Não	Nao	NA	NA
35. Uganda reabre passagem na fronteira com o	10.12.2012	9 linhas	online	Associated Press	Avanco do grupo rebelde M23	Não	Não	Felix Kulagyie, Exercito de Uganda	masculino	Uganda

Congo										
36. Rebeldes congolese exigem renuncia de Kabila	13.12.2012	13 linhas	Online	Associated Press	Avanco do grupo rebelde M23	Não	Jean Marie Runiga, líder político M23	nao	masculino	NA
37. TPI absolve ex-chefe de milícia congolese	18.12.2012	16 linhas	Online	Associated Press	Condenacao TPI	Não	Não	Bruno Cotte, Juiz TPI Eric White, ONG Open Society	masculino	Organis Estados
38. Líderes africanos assinam acordo de paz sobre o Congo	24.02.2013	9 linhas	Online	Reuters	Assistencia do continente africano	Não	Não	Não	NA	NA
39. Combates entre rebeldes e exercito matam 36	01.03.2013	5 linhas	Online	Redação Estadão	Confronto entre exercito e rebeldes	Não	Não	Eduardo Del Buey, porta-voz ONU	NA	Organis
40. Combate sectário mata mais de 80	07.03.2012	5 linhas	Online	Redação Estadão	Confronto entre exercito e rebeldes	Não	Não	Cruz Vermelha ONU	NA	Organis
41. Réu em corte de Haia entrega-se aos EUA	19.03.2013	7 linhas	Online	Redação Estadão	Condenação TPI	Não	Não	Departamento de Estado dos Estados Unidos	NA	Estados
42. Senhor de guerra congolês comparece pela primeira vez ao	26.03.2013	15 linhas	online	Reuters	Condenação TPI	Sim	Não	Não	NA	NA

tribunal de Haia										
43. Líder de guerra congolês declara inocência na primeira aparição no TPI	26.03.2013	18 linhas	Online	Reuters	Condenação TPI	Sim	Bosco Ntaganda, líder de guerra do Congo	TPI	masculino	Organis
44. ONU autoriza força de intervenção militar no Congo	28.03.2013	12 linhas	Online	Associated Press	Intervenção ONU	Não	Não	ONU	NA	Organis
45. ONU aprova nova força para neutralizar rebeldes no Congo	28.03.2013	17 linhas	Online e impresso	Reuters	Intervenção da ONU	Não	Não	ONU	NA	Organis
46. Africa do Sul enviará tropas ao Congo em missão da ONU	07.04.2013	19 linhas	Online	Reuters	Intervenção da ONU	Sim	Não	Xolani Mabanga Exercito da África do Sul	masculino	África c
47. Brasileiro chefiará missão no Congo	25.04.2013	9 linhas	Online	Matéria feita pelo Estadão	Intervenção da ONU	Não	Não	Carlos Alberto do Santos Cruz, força de paz da ONU	masculino	Organis
48. General brasileiro é nomeado para chefiar missão da ONU no	17.05.2013	7 linhas	Online	EFE	Intervenção da ONU	Não	Não	Carlos Alberto do Sanros Cruz, força de paz da ONU	masculino	Organis

Congo										
49. Congo: exercito afirma ter matado 120 rebeldes	15.07.2013	10 linhas	Online	Associated Press	Confronto entre exercito e rebeldes	Não	Lambert Mende, porta-voz do governo Congo	Nao	masculino	NA
50. Exército e milícia entram em choque pelo terceiro dia	16.07.2013	16 linhas	Online	Associated Press	Confronto entre exercito e rebeldes	Não	Mustapha Mamadou, exercito do Congo	Não	masculino	NA
51. ONU dá ultimato a rebeldes no Congo	01.08.2013	31 linhas	Online e impressa	Matéria produzida pelo Estadão	Intervenção ONU	Não	Não	Carlos Alberto do Santos Cruz, forca de paz da ONU	masculino	Organis
52. ONU premia freira que atende vítimas de estupro	17.09.2013	87 linhas	Online e impressa	Matéria produzida pelo Estadão	Violencia Sexual	Sim	Angelique Namaika, freira Thete, Zena e Mboyo, vítimas de estupro	Não	Feminino	NA
53. Fuga do Congo	06.10.2014	48 linhas	Online e impressa	Matéria produzida pelo Estadão (artigo)	Refugiados congolese	Sim	Ornela Mbenga, refugiada congolese	Não	feminino	NA
54. Congo: a maior guerra do mundo	20.10.2013	93 linhas	Online e impressa	Matéria produzida pelo Estadão	Violência contra civis	Sim	Geni Mungo, vítima do conflito	Especialista de organização internacional não identificado	Feminino masculino	Organis
55. Ruanda: o início da crise	20.10.2013	17 linhas	Online e impressa	Matéria produzida pelo	Apoio de Ruanda a	Sim	Não	ONG Enough	NA	Estados

				Estadão	rebeldes					
56. Novo grupo islâmico atua em Conflito e preocupa ONU	20.10.2013	31 linhas	Online e impressa	Matéria produzida pelo Estadão	Grupo islâmico atua no conflito	Não	Não	Funcionário não identificado da ONU	masculino	Organis
57. “Não acredito em conflito étnico no Congo”, diz general brasileiro	21.10.2013	76 linhas	Online e impressa	Matéria produzida pelo Estadão	Intervenção da ONU	Sim	Não	Embaixador do Reino Unido na ONU Carlos Alberto, força de paz da ONU	masculino	Reino U Organis
58. Conflito congolês amplia drama dos meninos soldado	22.10.2013	51 linhas	Online e impressa	Matéria produzida pelo Estadão	Crianças soldado	Sim	Jacques, vítima do conflito	Child Soldiers International Cruz Vermelha	masculino	Organis Reino U
59. Mais de 2,6 milhões fogem de conflito no leste do Congo	23.10.2013	60 linhas	Online e impressa	Matéria produzida pelo Estadão	Refugiados congolezes	Sim	Muzima Rachel, vítima do conflito	Genevieve Dererper, Médicos sem Fronteiras	feminino	Organis
60. Estupro vira arma de guerra no Congo	27.10.2013	66 linhas	Online e impressa	Matéria produzida pelo Estadão	Violência sexual	Sim	K.S, vítima do conflito	Médicos Sem fronteiras	feminino	Organis
61. ONU fracassou na busca da solução política	27.10.2013	58 linhas	Online e impressa	Matéria produzida pelo Estadão (entrevista)	Intervenção ONU	Sim	Não	Jason Stearns, escritor americano	masculino	Estados
62. Exercito do Congo captura	30.10.2013	30 linhas	Online	Associated Press	Confronto entre	Sim	Lambert Mende,	Não	masculino	NA

bastião rebelde					exército e rebeldes		porta-voz do governo do Congo			
63. Grupo rebelde M23 declara fim da insurgência no Congo	05.11.2013	36 linhas	Online	Dow Jones	Fim do M23	Não	Bertrand Bisimwa, líder do M23	Russel Feingold, enviado dos EUA ao Congo	masculino	Estados
64. Governo diz ter vencido rebeldes no Congo	06.11.2013	27 linhas	Online e impressa	Matéria produzida pelo Estadão	Fim do M23	Sim	Bertrand Bisimwa, líder do M23	Carlos Alberto dos Santos Cruz, força de paz da ONU	masculino	Organis
65. Rendição pode levar oponentes do M23 a negociar	06.11.2013	27 linhas	Online e impressa	Matéria produzida pelo Estadão (artigo)	Fim do M23	Sim	Não	Carlos Alberto dos Santos Cruz, força de paz da ONU	masculino	Organis
66. Rebeldes do M23 entregam-se a Uganda	07.11.2013	22 linhas	Online	Associated Press	Fim do M23	Não	Julien Paluku, governador Kivu do Norte	Não	masculino	NA
67. Grupo rebelde do Congo se rende em massa	08.11.2013	36 linhas	Somente impressa	Matéria produzida pelo Estadão	Fim do M23	Sim	Não	Ida Sawyer, Human Rights Watch Carlos Alberto Santos Cruz, ONU	Feminino Masculino	Estados Organis
68. Congo assina acordo de paz com rebeldes do M23	12.12.2013	15 linhas	Online	Reuters	Fim do M23	Não	Lambert Mende, porta-voz governo Congo	Governo Quênia	masculino	Quênia

69. Pelo menos 21 são mortos na República Democrática do Congo	16.12.2013	19 linhas	Online	Reuters	Violencia contra civis	Sim	Não	Martin Kobler, ONU	masculino	Organis
70. Ataque rebelde mata 40 na República Democrática do Congo	26.12.2013	18 linhas	Online	Reuters	Violencia contra civis	Nao	Thomas D'Acquin, ativista local	Moussa Demba, ONU	masculino	Organis
71. República Democrática do Congo repele ataque na capital	30.12.2013	36 linhas	Online	Reuters	Confronto entre exercito e rebeldes	Sim	Lambert Mende, porta-voz governo Congo	Não	masculino	NA

